

Grande Sertão: Veredas. Que “yagunzo” é esse?

Marta Susana García

Mestranda - Universidade Federal de Santa Catarina

martasusanag3@gmail.com

Recebido em: 30/09/2013

Aceito em: 14/12/2013

Resumo: O objetivo deste artigo é avaliar itens lexicalmente criativos nas traduções para o idioma espanhol do romance de João Guimarães Rosa, *Grande Sertão: Veredas*, mais especificamente as soluções encontradas pelos tradutores quanto a termos não dicionarizados na língua espanhola, como *yagunzo* e *sertón*, sob um ponto de vista cultural. O estudo é direcionado pelas reflexões teóricas de Valentín García Yebra acerca da tradução, além das teorias linguísticas e tradutórias de Antoine Berman e Georges Mounin. Além disso, também contribui para este artigo o estudo realizado pela Profa. Dra. Walnice Nogueira Galvão, em *As Formas do Falso*; bem como os próprios depoimentos de Rosa registrados por Günter Lorenz em *Diálogos com Guimarães Rosa*, acontecimento que ocorreu em janeiro de 1965, em Gênova, durante o Congresso de Escritores Latino-Americanos.

Palavras-chave: Guimarães Rosa; Soluções tradutórias; Traduzibilidade.

Grande Sertão: Veredas. What is a “yagunzo”?

Abstract. The objective of this study is to evaluate, from a cultural point of view, lexically creative items in Spanish translations of the João Guimarães Rosa novel *Grande Sertão: Veredas*, i.e., translator solutions for nonexistent terms in Spanish dictionaries, such as *yagunzo* and *sertón*. This study is based on Valentín García Yebra's theoretical reflections on translation, the linguistic and translation theories of Antoine Berman and Georges Mounin and Walnice Nogueira Galvão's study *As Formas do Falso*. Rosa's own statements about the work from the 1965 Latin American Writer's Congress in Genoa were also used for further clarification.

Keywords: Guimarães Rosa; Translational solutions; Translatability.

1. Introdução

Em 1821, Madame de Staël afirmou:

Não há mais eminente serviço que se possa prestar à literatura do que transpor de uma língua para outra as obras-primas do espírito humano. Existem tão poucas produções de primeira ordem; o gênio em qualquer área que seja, é um fenômeno tão raro, que se cada nação moderna fosse reduzida aos seus próprios tesouros seria sempre pobre. (2004, p. 141)

Este conceito representa a importância da tradução e da retradução no mundo literário. As novas traduções de uma mesma obra são fundamentais para avaliar: o trabalho tradutório, características e estilo dos tradutores, época, e diferenças culturais. Trata-se de uma função fundamental porque brinda à obra literária sua passagem para outra cultura, o que também pode proporcionar um redescobrimto da língua de chegada. Essa reflexão somada à posição de Antoine Berman (2013), com o respaldo da prática dos românticos alemães, outorga à tradução um papel relevante na formação e no crescimento da língua e da cultura de um povo, sempre e quando o tradutor conceda primazia à forma do texto original.

No livro *A tradução e a letra ou o albergue do longínquo*, Berman (2013) estuda duas formas tradicionais e dominantes da tradução literária: a tradução etnocêntrica e a hipertextual. A primeira leva tudo para sua própria cultura, normas e valores; considera o que está fora dela, o Estrangeiro, tanto negativo como bom para ser adaptado e aumentar a riqueza desta cultura. A segunda é uma espécie de transformação formal: imitação, paródia, pastiche, adaptação, plágio, a partir de um outro texto já existente.

Friedrich Schleiermacher, no seu ensaio *Sobre os Diferentes Métodos de Tradução*, publicado na Antologia Bilíngue, Clássicos da teoria da tradução, organizada por Werner Heidermann (2010), aborda também a questão do respeito quanto ao trabalho do tradutor:

O verdadeiro tradutor, aquele que realmente pretende levar ao encontro essas duas pessoas tão separadas, seu autor e seu leitor, e conduzir o último a uma compreensão e uma apreciação tão correta e completa quanto possível e proporcionar-lhe a mesma apreciação que a do primeiro, sem tirá-lo de sua língua materna, que caminhos ele pode tomar? A meu ver, só existem dois. Ou o tradutor deixa o autor em paz e leva o leitor até ele; ou deixa o leitor em paz e leva o

autor até ele. Ambos são tão diferentes um do outro que um deles tem de ser seguido tão rigidamente quanto possível do início ao fim. (2010, p. 43)

O filósofo alemão Arthur Schopenhauer, no ensaio *Sobre a língua e palavras*, afirma que:

Não se encontra para cada palavra de uma língua um equivalente exato em cada uma das demais línguas. Portanto, vários conceitos que são designados pelas palavras de determinada língua, não serão exatamente os mesmos que aqueles expressos pelas palavras da outra língua. (2010, p. 179)

Este estudo, centralizado especificamente no romance de Guimarães Rosa *Grande Sertão: Veredas*, mostra como a interpretação do tradutor, sob o prisma de diferentes culturas, pode levar a curiosas soluções na língua alvo ou se valer daquelas já encontradas pela tarefa tradutória do tradutor anterior da mesma obra, como no caso das duas traduções vertidas para a língua de Cervantes do romance de Guimarães Rosa, publicado em 1956 pela editora José Olympio.

A primeira versão espanhola, *Gran Sertón: Veredas*, foi realizada pelo poeta, crítico de artes e tradutor Ángel Crespo, publicada pela editora Seix Barral, em 1967. Crespo a executou sob um enfoque experimental e com a tentativa de recriação da própria língua castelhana, não se ajustando ao espanhol usual e respeitando o conceito de literatura de criação de Guimarães Rosa. Este tradutor elabora um glossário com os termos que mais se prestaram a dúvidas.¹

Posteriormente, a editora Adriana Hidalgo publica em 2010 o segundo trabalho de tradução do romance em questão feito por Florencia Garramuño e Gonzalo Aguilar. Nesta tradução, os tradutores argentinos expõem, no seu prefácio de *Gran Sertón: Veredas*, que o projeto tradutório empreendido baseou-se, em primeiro lugar, na decisão de não colocar notas de rodapé e nem glossário, apesar de saber que Guimarães Rosa havia aconselhado esse tipo de solução aos tradutores da mesma obra para outros idiomas; apelando, então, à inteligência dos leitores, incorporaram explicações de alguns termos no próprio texto de chegada, uma espécie de tradução implícita. Quanto às denominações de plantas, animais e topônimos próprios do Brasil, sem equivalentes na língua castelhana, apresentadas no glossário da primeira tradução de Ángel Crespo, os tradutores de Buenos Aires, contrários a esta ideia, traduziram-nas, no possível, por termos de origem indígena,

compartilhados pelos dois idiomas: o português e o espanhol. Em segundo lugar, a decisão foi a de aproximar o castelhano ao ritmo da narrativa do romance.

2. Breve apresentação do autor

Para traduzir um romance desse porte, o tradutor deve considerar o perfil e estilo do autor, sua biografia, sua obra literária. Neste caso Guimarães Rosa, grande erudito, dono de uma cultura e sensibilidade fora do comum, “homem do sertão”,² e de muitos talentos, cuja obra foi totalmente diferenciada e revolucionária, é um típico exemplo de intraduzibilidade, o que tornou o trabalho dos tradutores uma tarefa muito complexa. Neste romance são encontradas expressões, termos, sintaxe, arcaísmos, modismos comuns no interior do Estado de Minas Gerais e os que saíram da pena criativa do autor, assim como brasileirismos em geral.

Segundo o escritor mineiro, em entrevista com Günter Lorenz: “Cada língua guarda em si uma verdade interior que não pode ser traduzida”. (1991, p. 87)

Rosa sempre declarou seu amor pela língua, e isso o levou a aprender diversos idiomas estrangeiros, com o objetivo de enriquecer a própria língua e poder ler, no original, escritores como Kierkegaard, Dostoievski, Unamuno, Confúcio, Flaubert e tantos outros.

Quando menino, Rosa já escrevia de um modo peculiar, trabalhando as palavras até dotá-las de uma certa magia, como mostram as seguintes imagens de uma carta dirigida a uma de suas irmãs e dois cartões postais, quando, então, o escritor já era vovô, do México e Panamá.

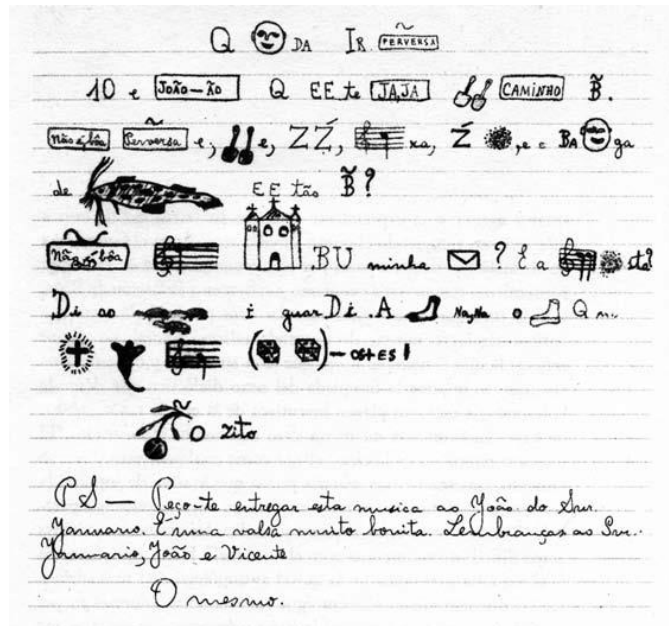


Imagem 1: Carta de João Guimarães Rosa a sua irmã quando criança



Imagem 2: Postais enviados por Rosa do México e Panamá

Pela sua origem e com sua vivência e amor pelo sertão de Minas Gerais, Rosa dá vida a sua criação literária.

Veja você, Lorenz, nós os homens do sertão, somos fabulistas por natureza. Está no nosso sangue narrar estórias; já no verso recebemos esse dom para toda a vida. Desde pequenos, estamos constantemente escutando as narrativas multicoloridas dos velhos, os contos e lendas, e também nos criamos em um mundo que às vezes pode se assemelhar a uma lenda cruel. Deste modo a gente se habitua, e narra estórias, corre por nossas veias e penetra em nosso corpo, em nossa alma, porque o sertão é a alma de seus homens. (ROSA, 1991, p. 69)

Médico, rebelde, soldado, diplomata, poliglota:

Como médico, conheci o valor místico do sofrimento; como rebelde, o valor da consciência; como soldado, o valor da proximidade da morte... [...] Meu lema é: a linguagem e a vida são uma coisa só. Quem não fizer do idioma o espelho de sua personalidade não vive; e como a vida é uma corrente contínua, a linguagem também deve evoluir constantemente. (ROSA, 1991, p. 67-83)

Para o escritor de Cordisburgo, escrever era um processo químico próprio de um alquimista. Ele acreditava que um feiticeiro da palavra devia provir do sertão e afirmava que escritores como Goethe, Dostoievski, Tolstoi, Flaubert e Balzac, pelos quais sentia grande admiração, haviam nascido no sertão.

Dialogando com Lorenz sobre *Grande Sertão: Veredas*, revela que este romance foi o término de um desenvolvimento, uma “autobiografia irracional”, ou melhor, uma “autorreflexão irracional”. Convicto de que o Brasil é um cosmos, um universo, e portanto Riobaldo, o personagem/narrador, e todos os seus irmãos são habitantes desse universo. Que jagunço é esse?

Não é Fausto, não é um místico barroco. Riobaldo é o sertão feito homem, é mundano demais para ser místico, e místico demais para ser Fausto; e o barroco é apenas a vida que toma forma na linguagem. (ROSA, 1991, p. 95)

3. Teorias linguísticas sobre tradução

É essencial que o tradutor perceba as diversidades culturais e assim as translate para a sua cultura. A tarefa de tradução é um exercício de transmissão cultural de grande responsabilidade.

Valentín García Yebra, em *Experiências de um tradutor* (2006), afirma que no conteúdo de um texto é necessário distinguir, seguindo Eugenio Coseriu, o significado, a designação e o sentido. Entende-se por significado a base mental que subjaz em cada um dos significantes que compõem o texto. A designação é a referência dos signos linguísticos às realidades que eles denominam. O sentido é o que o texto quer dizer, mesmo não coincida com as designações nem com os significados. Então, o que é que o tradutor deve traduzir?

Segundo Yebra (2006), não é possível traduzir o significado como foi definido, simplesmente porque quase sempre é desconhecido, inclusive na própria língua e obviamente muito mais nas alheias. Por outro lado, com muitíssima frequência, os significados das palavras de uma língua não têm equivalentes em outra. Então, qual seria a regra para o tradutor? Será suficiente traduzir o sentido sem levar em consideração as designações? Continuando com a linha de pensamento do filólogo e tradutor espanhol, lê-se:

*O tradutor é obrigado a conservar não somente o sentido do texto, mas também suas designações, às vezes inclusive seus significados, enquanto a língua de chegada, a língua para a que traduz, não lhe imponha equivalentes que prescindam dos significados e até das designações (nunca podem existir equivalentes que dispensem também o sentido).*³ (2006, p. 14-17, tradução nossa)

Georges Mounin afirma no seu livro, *Los problemas teóricos de la traducción* (1971), que a linguística interna mostra a segmentação dos diferentes aspectos da mesma realidade de cada língua. É a língua que organiza a visão do universo. Porém, a linguística externa, com o auxílio da sociologia, adiciona mais motivos à discussão sobre a legitimidade como a validade da operação tradutória. O linguista diz:

*Não somente a mesma experiência do mundo analisa-se de maneira díspares em línguas diferentes, e sim a antropologia cultural e a etnologia levam a pensar de que (dentro de certos limites) não é sempre o mesmo mundo que expressa estruturas linguísticas diferentes. Admite-se hoje a existência de “culturas” (ou civilizações profundamente desiguais), que constituem não tantas outras “visões do mundo” diferentes, senão tantos outros “mundos” reais dessemelhantes.*⁴ (1971, p. 77, tradução nossa)

Surge a dúvida se, a partir desses mundos com diferenças significativas, poderiam ser compreendidos e traduzidos esses termos sem equivalência na língua alvo.

Seguindo o pensamento de Mounin (1971), entende-se que a tradução é um contato de línguas alternadas pelo mesmo indivíduo. O idioma de chegada para a qual o tradutor verte é influenciado pela língua de partida, o que o linguista denomina de erros ou faltas de tradução, comportamentos linguísticos frequentes nos tradutores, como: o gosto por neologismos, tendência aos empréstimos, imitações, citações não traduzidas e outros.

A tradução é, como propõe Mounin (1971) a partir de Weinreich, um contato de línguas, bilinguismo, porém ela, a tradução, resiste às consequências orais individuais contra todo desvio das normas linguísticas, contra as interferências, e isto dificultará a descoberta de exemplos interessantes nos textos traduzidos; objetivo deste artigo quanto às interferências do bilinguismo em línguas tão próximas como o português e o espanhol, porém de culturas com tantas diferenças e peculiaridades. Para este linguista, além das diferentes visões do mundo, encontra-se o problema do sentido e a isto se agregam as diferentes culturas (civilizações) que implicam noções próprias e apresentam problemas bastante complexos para a tradução.

Disciplinas como a etnografia permitem entrar nestas visões de mundo e em outras civilizações, já que a tradução não é somente uma operação linguística. Esta é uma via de acesso às significações, porém se faz necessário levar em consideração o viés da etnografia como o caminho mais adequado para aceder às significações de uma cultura. Apesar das divergências entre as línguas encontradas pela linguística, também existem convergências, a noção dos universais linguísticos vem a prestar auxílio à tradução. Mounin (1971) questiona se estes universais existem a nível morfológico, sintático e semântico. Existem atributos comuns que permitem a passagem de uma língua para outra, por tanto no campo dos universais a tradução seria possível.

No subcapítulo “A neologia e as dimensões da literalidade”, em *A tradução e a letra ou o albergue do longínquo*, Berman aborda o tema sobre a prática do arcaísmo e neologismo, e diz: “A tradução literal é necessariamente neológica. [...] Pois toda grande tradução se diferencia pela sua riqueza neológica, [...]” (2013, p. 143).

Sobre a traduzibilidade universal Antoine Berman afirma: “Do mesmo modo, todas as línguas são uma(s), pois nelas reina o *logos*, e é isso que, além de suas diferenças, funda a tradução.” (2013, p. 44).

Diante destas teorias linguísticas e de tradução, revelam-se as complexidades tradutórias enfrentadas pelos artífices desta tarefa na hora de verter um idioma para outro, como em *Grande Sertão: Veredas*, objeto de estudo neste artigo, onde, línguas tão próximas como o português e o espanhol e, nada mais e nada menos que a linguagem de Guimarães Rosa, servem de palco prático para estas teorias.

Nesse romance, como já foi dito anteriormente, abundam infinidades de termos típicos próprios do Brasil, sem equivalência na língua castelhana. Contudo, comentaremos aqui apenas dois: *sertón* e *yagunzo*.

4. Diferentes acepções dos termos em português, “sertão” e “jagunço”

Segundo o dicionário Aurélio⁵, o significado de “sertão” é: "s.m. Lugar agreste afastado dos pontos cultivados. Floresta longe da costa. P. ext. O interior do país. Bras. (NE) Zona do interior mais seca que a caatinga".

A palavra “sertão”, em português, está intimamente relacionada com a história e a identidade social e cultural, principalmente das regiões nordeste do Brasil e norte de Minas Gerais.

Segundo o dicionário Houaiss, o termo sertão significa:

s.m. (sxv) 1. região agreste, afastada dos núcleos urbanos e das terras cultivadas. 2. terreno coberto de mato, afastado do litoral. 3. a terra e a povoação do interior; o interior do país. 4 B. toda região pouco povoada do interior, em especial a zona mais seca que a caatinga ligada ao ciclo do gado e onde permanecem tradições e costumes antigos. 5 ANGIOS m. q. ERVA MACAÉ (Leonurus Sibiricus). S. bruto B. parte do sertão que é totalmente desabitada. s. de gravatá BA extensão de terra coberta de gravatás. S. de pedra RN a área situada além do vale do Ceará – Mirim por ser, daí em diante, muito pedregoso o solo. ETIM orig. obsc. HOM certão (adj.). (2009, p. 1737)

E quanto ao “sertão” de Guimarães Rosa em *Grande Sertão: Veredas*, é real, é místico. O sertão dos Campos Gerais recriado pela magnífica prosa poética de Rosa, realidade viva e concreta, com suas riquíssimas flora e fauna, superstições e crenças e com a intervenção do sobrenatural.

Paulo Terêncio, citado por José Calasans, da Universidade Federal da Bahia, estudioso do vocabulário de Os Sertões, no ensaio *Os jagunços de Canudos* (1970), revela que o termo teve origem africana, “zarguncho”, arma utilizada pelos cafres, e então esse nome foi aplicado a quem a utilizava. Este estudioso comprova a presença deste vocábulo em obras de escritores portugueses como Camilo Castelo Branco e Antônio Diniz.

O termo “jagunço” surge pela primeira vez no Brasil no romance *O Matuto*, de Franklin Távora, editado em 1878, e posteriormente popularizado em *Os Sertões*, do jornalista-escritor Euclides da Cunha.

Significado de Jagunço:

s.m. (1877). 1 HIST B cangaceiro, criminoso foragido ou qualquer homem violento contratado como guarda-costas por indivíduo influente (p. ex. fazendeiro, senhor de engenho político) e por este homiziado. 2 HIST BA seguidor de Antônio Conselheiro (1828-1897), chefe religioso da rebelião de Canudos BA. 3 PEAL obsc. pau armado de uma ponta metálica. ETIM orig. contrv. Col jagunçada, jagunçaria. (HOUAISS, 2009, p. 1124)

Inicialmente, este vocábulo pertencia apenas ao regionalismo baiano, porém popularizou-se no final do século XIX, por motivo da guerra de Canudos. Antônio Conselheiro, figura messiânica e chefe carismático mais importante do Brasil no século XIX, em Canudos, reuniu uma massa humana calculada em mais de 20 mil pessoas que constituiu a “jagunçada”; o mundo dos jagunços de Antônio Conselheiro era a prática de caridades e seguir o líder messiânico. No entanto, com o tempo, foram virando fanáticos e politizados. Neste contexto, jagunço e sertanejo significam a mesma coisa. O termo ganha uma conotação política: “monarquista”, devido aos fatos que marcam a intervenção militar por parte das forças do governo contra a figura messiânica e seus seguidores, que se acreditava espalhavam ideias contra a república.

Passados os acontecimentos sangrentos de 1897, fica esquecida essa significação monarquista e a conotação cai no homem que, sem abandonar o seu roçado, ou seu curral de bois de cria, participa de lutas armadas ao lado de amigos ricos ou pobres, representando lealdade, fidelidade absoluta. Contratados, em consequência de algum crime e geralmente em busca de proteção, por políticos com intenções de poder.

Lê-se no trabalho de Walnice Nogueira Galvão (1972), *As formas do falso*, que no Brasil é tradição secular a presença de uma força armada a serviço de um proprietário rural e político, presente dentro da propriedade, garantindo os limites, dando conta da defensiva e ofensiva e, igualmente importante, intervindo em eleições, seja pelos votos que representa, seja pelos que pode obter por intimidação ou mediante fraude; tendo a violência como prática rotineira.

Mas o que dizer do “jagunço” rosiano, o do sertão mágico do grande romance?

Não sou amansador de cavalos! E, mesmo, quem de si de ser jagunço se entrete, já é por alguma competência entrante do demônio. Será não? Será?[...] Lê-se no trabalho de Walnice Nogueira Galvão: As formas do falso, que no Brasil é tradição secular a presença de uma força armada a serviço de um proprietário rural e político, presente dentro da propriedade, garantindo os limites, dando conta da defensiva e ofensiva e, igualmente importante, pela intervenção em eleições, seja pelos votos que representa, seja pelos que pode obter por intimidação ou mediante fraude; tendo a violência como prática rotineira. (ROSA, 2001, p. 26-35)

Narrador de suas próprias indagações, fino e irônico perseguidor de ideias, reconhecedor de sua própria diferença em relação aos outros, que sabe que não sabe nada, mas desconfia de muitas coisas. Um jagunço letrado que faz perguntas que vão além do conhecimento do narrador tradicional, homem de bom conselho cuja sabedoria prática vem a partir da experiência coletiva. Ambíguo e sempre em conflito com sua própria existência e sua vida aventureira. Situação básica que serve perfeitamente aos objetivos do romancista.

Seguindo as reflexões de Galvão, através da tradição atribuem a este jagunço ações cavalheirescas, comportamento que, em ocasiões amenas, apresenta o bando de Riobaldo:

A dona fazendeira era mulher já em idade fora de galas; mas tinham três ou quatro filhas, e outras parentas, casadas ou moças, bem orvalhadas. Aquietei o susto delas e nenhuma falta de consideração eu não proporcionei nem consenti, mesmo porque meu prazer era estar vendo senhoras e donzelas navegarem assim no meio nosso, garantidas em suas honras e prendas, e com toda cortesia social. (ROSA, 2001, p. 469)

Mas também há relatos históricos de sadismo, torturas e crueldades; o personagem também mata, estupra, incendeia, destrói. Porém, como Walnice Galvão destaca, é possível e sedutor ver nele um herói, um Robin Hood caboclo. “O

senhor sabe: sertão é onde manda quem é forte, com as astúcias. Deus mesmo, quando vier, que venha armado!” (2001, p. 35).

5. Sobre as soluções tradutórias

Carlos A. Pasero (2004) coloca no seu trabalho que durante o início do século XX até a década de quarenta, o mais ativo tradutor literário do português ao espanhol foi o argentino Benjamín de Garay. Entre os trabalhos mais importantes destacam-se *Casa Grande & Senzala*, de Gilberto Freyre, e *Os Sertões*, de Euclides da Cunha. Pasero, professor da *Universidad de Buenos Aires*, no ensaio intitulado *Los límites de la lengua. Benjamín de Garay y la praxis de la traducción*, analisa a justificativa deste tradutor argentino quanto à árdua tarefa de tradução a partir do idioma português brasileiro, e destaca a posição de Garay com respeito à riqueza e complexidade desta língua.

Em “Dos palabras del traductor”,⁶ na versão castelhana de *Os sertões*, Garay apresenta interessantes argumentos que justificam a hispanização do título: “O termo regional ‘sertão’ – diz Garay – “não possui equivalente em nosso idioma”⁷ (GARAY, 1938, p. 28, tradução nossa).

O tradutor argentino ressalta as particularidades regionais que representam especial significado da palavra brasileira, o que pedia um esclarecimento do tradutor por motivos óbvios: o empréstimo linguístico poderia provocar uma polêmica por parte de detratores, tanto argentinos como brasileiros.

César Viale, durante um almoço polêmico, escreve:

*Como é um fato que por iniciativa cultural será traduzido em breve, para o castelhano, uma obra brasileira denominada 'Os Sertões', brinda seu parecer Pedro Calmon afirmando que seria justo ser chamada assim: 'Los Desiertos', o que determina uma controvérsia já que não há unanimidade quanto a acreditar que seja feliz esta expressão.*⁸(1942, p. 189, tradução nossa)

Garay arrisca uma interpretação da palavra “sertão” como uma redução de “desertão” como sendo o resultado da “*Lei do menor esforço, tão comum a todas as raças preguiçosas dos trópicos*”⁹ (GARAY, 1938, p. 29). E justifica que a particularidade lexical é o principal motivo da castelhanização do título.

Assim foi como na primeira edição de *Os Sertões* para a língua castelhana, o título publicado foi *Los Sertones*. Na segunda edição, ele adiciona um subtítulo o qual não existe no original: *La tragédia del hombre derrotado por el medio*.

Conclui-se então, que foi assim que esse vocábulo *sertón* foi utilizado posteriormente na primeira versão espanhola do grande romance, *Gran Sertón: Veredas*, pelo poeta Ángel Crespo; não dicionarizado no idioma de Cervantes, mas neologizado no glossário criado pelo tradutor de Barcelona no final da tradução:

*Sertón (sertão): Palavra que carece de correspondência em castelhano, como aconteceu com as já admitidas em nossa língua jungla y tundra. Designa os terrenos incultos do interior de um continente, quando esses não recebem outros nomes particulares. Com frequência, nas traduções argentinas, aparece a forma aceita por nós neste artículo.*¹⁰ (1982, p. 462, tradução nossa)

Garramuño e Aguilar, os tradutores argentinos, valeram-se deste glossário de Crespo, fazendo jus ao pensamento de Rosa: “O sertão é do tamanho do mundo.” (ROSA, 2001, p. 89).

Em 1981, o escritor peruano e Prêmio Nobel de Literatura 2010, Mario Vargas Llosa publica o romance *La guerra del fin del mundo*. Nesta obra o escritor faz uma releitura da guerra de Canudos, já narrada magistralmente por Euclides da Cunha em *Os Sertões*, em 1902.

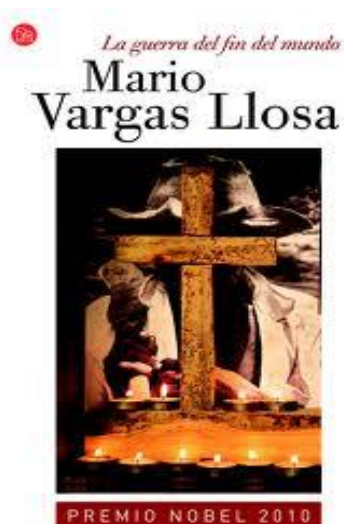


Imagem 1: Capa do livro *La guerra del fin del mundo*. Santillana Ediciones Generales. Coleção Narrativa. Publicado em 2007.

No início, Llosa havia sido convidado para escrever um roteiro sobre o acontecido em Canudos, porém o filme nunca chegou a ser realizado e o escritor o transforma em romance. Isto o leva a fazer uma profunda pesquisa de campo, durante uma longa viagem pelo nordeste brasileiro. Como no romance euclidiano, Llosa relata o enfrentamento dos jagunços com as tropas do governo. Aqui novamente os termos “sertão” e “jagunço” entram em cena.

Na obra, na primeira aparição em espanhol do termo *yagunzo*, o escritor explica no próprio texto: “Algo significativo: as pessoas de Canudos chamam-se a si próprias jagunços, palavra que significa *alzados*.”¹¹ (LLOSA, 1981, tradução nossa). Mas, nas aparições posteriores desta palavra no romance do autor peruano, que por sinal são muitas, só permanece o termo hispanizado: *yagunzo*.

Observa-se que este termo, ainda em português, sofreu várias alterações quanto à semântica, desde sua origem até nossos dias. Observa-se que há um enfoque diferente também em espanhol, como mostram as palavras de Vargas Llosa, anteriormente citadas.

No glossário confeccionado por Crespo na tradução do grande romance para o espanhol, o significado do vocábulo resume-se assim:

*Yagunzo (jagunço): No começo deu-se esse nome aos indivíduos fanáticos que no fim do século passado sublevaram-se, fixando sua sede de operações em Canudos, no interior do sertão, constituindo uma valente tropa irregular que exigiu grandes sacrifícios do Governo para ser dominada. Por extensão, chamou-se assim aos componentes de grupos ou bandos a serviço dos políticos locais ou regionais e a grupos oponentes a eles de grandes fazendeiros do interior. Por causa das suas características sociológicas particulares, não devem ser confundidos com os cangaceiros nem com simples bandidos ou ladrões. A história da jagunçada, ainda por ser feita, revelará fatos importantes da história política brasileira.*¹² (1982, p. 463, tradução nossa)

6. Conclusão

Se a atividade tradutória proporciona a interculturalidade, tal processo passa pelas decisões do tradutor. Como expusemos neste artigo, a introdução de vocábulos, que na língua de partida possuem conotação regional, levam ao descobrimento de capacidades desconhecidas da língua de chegada, muitas vezes enriquecendo-a. Tais empréstimos linguísticos ou negociações, por falta de

equivalências na língua alvo, podem dar origem a neologismos, a maioria das vezes causando estranheza ou então ampliando o horizonte do leitor.

Observe-se que na língua espanhola os termos *yagunzo* e *sertón*, por razões óbvias, não mostram as nuances oferecidas no português do Brasil; porém, a decisão de adaptar e castelhanizar estes vocábulos, remete à tradução etnocêntrica apresentada por Berman (2013), o qual descreve muito bem o processo de mudança dos vocábulos que foram analisados, cuja principal característica é a recriação fonética.

Referências

AURÉLIO. Dicionário Aurélio online. Disponível em <http://www.dicionariodoaurelio.com/>. Acesso em: 12 set. 2013.

BERMAN, Antoine. **A Tradução e a Letra ou o Albergue do Longínquo**. 2° ed. Florianópolis: PGET/UFSC, 2013.

BIBLIOTECAS Y DOCUMENTACIÓN. Ángel Crespo. Biografía. **Instituto Cervantes**, Madrid. Disponível em: http://www.cervantes.es/bibliotecas_documentacion_espanol/biografias/brasil_angel_crespo.htm. Acesso em: 19 set. 2013.

CALASANS, José. Os Jagunços de Canudos. **Persée**: Revues Scientifiques. Vol 15, n. 15, 1970, p. 31-38. Disponível em: http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/carav_0008-0152_1970_num_15_1_1772. Acesso em: 15 set. 2013.

COUTINHO, Eduardo F. (Org.). **Guimarães Rosa, Coleção Fortuna Crítica**. 2° ed. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1991.

GAMA, Aldo. (Da redação). O cangaço desmitificado. Ensaio publicado no jornal digital **Brasil de fato**, São Paulo, 02 maio 2011. Disponível em: <http://www.brasildefato.com.br/node/6182>. Acesso em: 15 set. 2013.

GARCÍA YEBRA, Valentín. **Experiencias de un traductor**. Madrid: Editorial Gredos, 2006.

HOUAISS, Antônio; SALLES VILLA, Mauro de. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. 1° ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

LLOSA, Mario Vargas. **La guerra del fin del mundo**. Disponível em: <http://inabima.gob.do/descargas/bibliotecaFAIL/Autores%20Extranjeros/V/Vargas%20Llosa,%20Mario/Vargas%20Llosa,%20Mario%20-%20La%20guerra%20del%20fin%20del%20mundo.pdf>. Acesso em: 20 set. 2013.

LORENZ, Günter. Diálogos com Guimarães Rosa. In: COUTINHO, Afrânio (Org.). **Guimarães Rosa**. Coleção Fortuna Crítica (da faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro). 2 ed. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira S.A., 1991, p. 62.

MOUNIN, Georges. **Los problemas teóricos de la traducción**. Madrid: Editorial Gredos, 1971.

NOGUEIRA GALVÃO, Walnice. **As formas do falso**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1972.

PASERO, Carlos A. Los límites de la lengua. Benjamín de Garay y la praxis de la traducción. Artigo publicado em **Revista Graphos** PPGL/UFP, Paraíba, Vol.6, N.2 e N.1, 2004, ISSN 1516-1536. Disponível em: <http://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/graphos/search/authors/view?firstName=Carlos&middleName=A.&lastName=Passero&affiliation=&country=>. Acesso em: 09 set. 2013.

REGO, Tarciso Gomes do. **Vargas Llosa reescreve Euclides: Uma Proposta de Brasil**. Rio de Janeiro, 2010. Disponível em: <http://www.letras.ufrj.br/pgneolatinas/media/bancoteses/tarcisogomesdoregomestrado.pdf>. Acesso em: 10 de jul. de 2013.

ROSA, João Guimarães. **Grande Sertão: Veredas**. 19 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

ROSA, João Guimarães. **Gran Sertón: Veredas**. 1º ed. Barcelona: Biblioteca Breve, 1982.

ROSA, João Guimarães. **Gran Sertón: Veredas**. 1º ed. Buenos Aires: Adriana Hidalgo editora, 2011.

SCHLEIERMACHER, Friedrich. Sobre os diferentes métodos de tradução. In: HEIDERMAN, Werner (Org.). **Clássicos da Teoria da Tradução**. Antologia Bilingue. 2º ed. Florianópolis: UFSC/Núcleo de Pesquisas em Literatura e Tradução, 2010, p.39.

VIALE, César. **Escritos y Conferencias**. Buenos Aires: *Edición del autor*, 1942.

Notas

¹ Conceito exposto pelo próprio Angel Crespo na Nota do Tradutor da obra *Grande Sertão: Veredas*, traduzida com o título *Gran Sertón: Veredas* (1967, p. 09-11)

² Conceito revelado em *Diálogos com Guimarães Rosa*, entrevista realizada por Günter Lorenz em Gênova, janeiro de 1965.

³ *El traductor está obligado a conservar no sólo el sentido del texto, sino también sus designaciones, a veces incluso sus significados, mientras la lengua terminal, la lengua hacia la que traduce, no le imponga equivalentes que prescindan de los significados y hasta de las designaciones (nunca puede haber equivalentes que prescindan también del sentido).*

⁴ *No sólo la misma experiencia del mundo se analiza diferentemente en lenguas diferentes, sino que la antropología cultural y la etnología llevan a pensar que (dentro de ciertos límites) no es siempre el mismo mundo el que expresa estructuras lingüísticas diferentes. Se admite hoy que existen “culturas” (o civilizaciones) profundamente diferentes, que constituyen no otras tantas “visiones del mundo” distintas, sino otros tantos “mundos” reales diferentes.*

⁵ Dicionário on-line, disponível em: <http://www.dicionariodoaurelio.com/Sertao.html>. Acesso em: 12 set. 2013.

⁶ Prefácio inserido na primeira versão espanhola de *Os sertões*, na Biblioteca de Autores Brasileiros Traduzidos ao Castelhana.

⁷ *El vocábulo regional “sertão” – dice Garay – no tiene equivalente en nuestro idioma.*

⁸ *Como es un hecho el que por iniciativa cultural ha de traducirse en breve, al castellano, una obra brasileña denominada “Os Sertões”, da su parecer Pedro Calmon sosteniendo que sería justo llamarla así: “Los Desiertos”, lo que determina una controversia desde que no hay unanimidad en cuanto a creer que sea feliz esta expresión.*

⁹ *Ley del menor esfuerzo, tan común a todas las razas indolentes de los trópicos [...].*

¹⁰ *Sertón (sertão): Palabra que carece de correspondencia en castellano, como ocurrió con las ya admitidas en nuestra lengua jungla y tundra. Designa los terrenos incultos del interior de un continente, cuando éstos no reciben otros nombres particulares. En las traducciones argentinas suele aparecer la forma aceptada por nosotros en este artículo.*

¹¹ *Algo significativo: las gentes de Canudos se llaman a sí mismas yagunzos, palabra que quiere decir alzados.*

¹² *Yagunzo (jagunço): En un principio se dio este nombre a los individuos fanáticos que a últimos del siglo pasado, se sublevaron, fijando su sede de operaciones en Canudos, en el interior del sertón, constituyendo una aguerrida tropa irregular que exigió grandes sacrificios del Gobierno para ser dominada. Por extensión, se llamó así a los componentes de grupos o bandas puestos al servicio de los políticos locales o regionales y a quienes eran opuestos a ellos por los grandes hacendados del interior. Dados sus particulares caracteres sociológicos, es preciso no confundirlos con los cangaceiros ni con los simples bandidos o salteadores. La historia del yaguncismo, aún por hacer, revelará hechos importantes de la historia política brasileña.*